

# **MENTORIA NO ENSINO MÉDICO EM PERSPECTIVA INTERNACIONAL: UMA REVISÃO NARRATIVA ENTRE EXPERIÊNCIAS EUROPEIAS E DO LESTE ASIÁTICO**

## **MENTORING IN MEDICAL EDUCATION FROM AN INTERNATIONAL PERSPECTIVE: A NARRATIVE REVIEW OF EUROPEAN AND EAST ASIAN EXPERIENCES**

Ana Cristina Doria dos Santos<sup>1</sup>, Irineu Rasera<sup>1</sup>, Erick Caua Sousa Veras<sup>2</sup>

1. Docente da Faculdade Afya Redenção; 2. Estudante do curso de Enfermagem da Faculdade Afya Redenção.

**Eixo Temático: Eixo 04 – Internacionalização no Ensino Superior**

### **RESUMO**

**Introdução:** A mentoria tem sido incorporada à educação médica como estratégia de apoio acadêmico, desenvolvimento profissional, orientação de carreira e acolhimento nas transições da formação. A comparação internacional permite reconhecer componentes transferíveis e elementos dependentes do contexto sociocultural. **Objetivo:** Analisar narrativamente modelos e resultados de mentoria no ensino médico, com ênfase em experiências europeias e do Leste Asiático, discutindo implicações para a internacionalização curricular. **Método:** Revisão narrativa construída a partir de publicações sobre mentoria de estudantes e médicos em formação, priorizando estudos e revisões com experiências da Alemanha, Coreia do Sul, Japão e China, além de literatura de síntese sobre mentoria na graduação médica. **Resultados:** Na Europa, destacam-se programas estruturados, mentoria em grupo, entre pares e modalidades digitais, com benefícios relacionados à integração acadêmica, desenvolvimento profissional e apoio às escolhas de carreira. Na Coreia do Sul, a mentoria entre pares apresenta boa aceitabilidade e favorece apoio acadêmico e psicossocial. No Japão, estudos apontam a relevância da mentoria para planejamento de carreira e formação de pesquisadores. Na China, a elevada carga de esgotamento entre estudantes reforça a necessidade de redes institucionais de apoio, embora a evidência específica sobre programas de mentoria ainda seja menos consolidada. **Conclusão:** A literatura sugere que programas de mentoria são mais promissores quando possuem objetivos claros, preparação dos mentores, continuidade e adaptação ao contexto cultural. Para a internacionalização curricular, recomenda-se evitar a simples reprodução de modelos estrangeiros e priorizar desenho institucional contextualizado.

**Palavras-chave:** Mentoria. Educação Médica. Estudantes de Medicina. Internacionalização. Desenvolvimento Profissional.

### **ABSTRACT**

**Introduction:** Mentoring has been incorporated into medical education as a strategy for academic support, professional development, career guidance, and support during educational transitions. International comparison makes it possible to identify transferable components and elements that depend on sociocultural context. **Objective:** To narratively analyze mentoring models and outcomes in medical education, emphasizing European and East Asian experiences and discussing implications for curriculum internationalization. **Method:** A narrative review based on publications on mentoring for medical students and physicians in training, prioritizing studies and reviews describing experiences from Germany, South Korea, Japan, and China, as well as synthesis literature on undergraduate medical mentoring. **Results:** In Europe, structured programs, group mentoring, peer mentoring, and digital formats stand out, with benefits related to academic integration, professional development, and career support. In South Korea, peer mentoring shows good acceptability and supports academic and psychosocial needs. In Japan, studies indicate the relevance of mentoring for career planning and researcher development. In China, the high burden of burnout among medical students reinforces the need for institutional support networks, although specific evidence on mentoring programs remains less consolidated. **Conclusion:** The literature suggests that mentoring programs are more promising when they have clear goals, mentor preparation, continuity, and cultural adaptation. For curriculum internationalization, direct replication of foreign models should be avoided in favor of context-sensitive institutional design.

**Keywords:** Mentoring. Medical Education. Medical Students. Internationalization. Professional Development.

## INTRODUÇÃO

A formação médica envolve transições acadêmicas e profissionais marcadas por aumento progressivo de responsabilidades, exposição a ambientes clínicos complexos e necessidade de construção da identidade profissional. Nesse percurso, a mentoria pode funcionar como relação longitudinal de apoio, oferecendo orientação acadêmica, aconselhamento de carreira, desenvolvimento profissional e suporte psicossocial. Revisões sobre mentoria em grupo e entre pares mostram benefícios percebidos por estudantes, embora ressaltem heterogeneidade de formatos e qualidade variável das avaliações.<sup>1, 2</sup>

Nas escolas médicas europeias, especialmente na Alemanha, programas de mentoria passaram a assumir formatos diversificados, incluindo relações docente-discente, grupos e mentoria entre pares. Levantamentos nacionais e estudos recentes mostram expansão dessas iniciativas e interesse em integrá-las de maneira mais estruturada ao currículo.<sup>3, 4</sup> A experiência alemã também demonstra que a mentoria pode ser direcionada a escolhas profissionais específicas, como a aproximação dos estudantes com carreiras cirúrgicas.<sup>5</sup>

No Leste Asiático, a mentoria se desenvolve em contextos educacionais e institucionais distintos. Na Coreia do Sul, programas entre pares têm sido avaliados positivamente pelos participantes e associados a apoio acadêmico, adaptação e desenvolvimento interpessoal.<sup>6</sup> No Japão, dados multicêntricos com médicos em formação científica sugerem que a mentoria voltada ao planejamento de carreira pode contribuir para a intenção de permanência na trajetória de pesquisa.<sup>7</sup> Na China, a elevada prevalência de burnout entre estudantes de Medicina evidencia a relevância de estratégias institucionais de suporte, ainda que a literatura específica sobre mentoria seja menos robusta que em alguns países europeus.<sup>8</sup>

A internacionalização curricular não deve se limitar à importação de práticas estrangeiras, mas envolver análise crítica de sua aplicabilidade, adaptação e sustentabilidade em diferentes ambientes educacionais. Nesse sentido, comparar experiências de mentoria permite reconhecer princípios comuns e aspectos dependentes da cultura acadêmica, das relações hierárquicas e da organização institucional. O objetivo desta revisão narrativa é analisar modelos, benefícios e desafios da mentoria no ensino médico, com ênfase em experiências europeias e do Leste Asiático, discutindo suas possíveis contribuições para iniciativas de internacionalização curricular.

## MÉTODO

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, modalidade adequada à integração crítica de estudos com diferentes delineamentos e à discussão conceitual de um tema amplo. A construção do texto tomou como ponto de partida a mentoria no ensino médico e procedeu à revisão das afirmações e das referências, excluindo fontes cuja existência ou correspondência bibliográfica não pudesse ser sustentada.

Foram priorizadas publicações indexadas relacionadas à mentoria de estudantes de Medicina e médicos em formação, contemplando estudos sobre programas estruturados, mentoria em grupo, mentoria entre pares, desenvolvimento de carreira, bem-estar e burnout. Para a

comparação internacional, foram selecionadas evidências com experiências da Alemanha, Coreia do Sul, Japão e China, complementadas por revisões de síntese relevantes para a organização de programas de mentoria.

Por se tratar de revisão narrativa, não se pretendeu realizar busca exaustiva, metanálise, avaliação formal do risco de viés ou estimativa quantitativa de efeito. A análise foi organizada por eixos temáticos: estrutura dos programas, benefícios educacionais e psicossociais, desafios de implementação e implicações socioculturais, evitando atribuir causalidade quando os delineamentos dos estudos não a permitiam.

## **DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO**

A literatura demonstra que a mentoria no ensino médico não corresponde a um modelo único. Programas podem ser individuais ou coletivos, conduzidos por docentes, profissionais mais experientes ou estudantes de períodos avançados. Uma revisão sistemática sobre mentoria em grupo na graduação identificou programas com estruturas, objetivos e formas de avaliação heterogêneos, mas encontrou avaliações predominantemente favoráveis e destacou o potencial de modelos longitudinais.<sup>1</sup> Revisão mais recente sobre mentoria entre pares também descreveu benefícios psicossociais, profissionais e acadêmicos e apontou como elementos relevantes o pareamento, a orientação inicial, a definição de objetivos e a capacitação dos mentores.<sup>2</sup>

Na Alemanha, um levantamento com as 36 escolas médicas identificou 22 programas ativos de mentoria em 20 instituições, evidenciando que a estratégia já apresentava expansão no país e assumia formatos variados, incluindo mentoria docente e entre pares.<sup>3</sup> Mais recentemente, um programa digital de mentoria entre pares para estudantes do primeiro ano foi implementado durante a pandemia e, após a experiência piloto, incorporado ao currículo presencial, mostrando a adaptabilidade do modelo às necessidades institucionais.<sup>4</sup>

Além do acolhimento acadêmico, a mentoria pode contribuir para decisões profissionais. Estudo alemão voltado às disciplinas cirúrgicas discutiu a disponibilidade de programas e a percepção dos estudantes, reforçando que a exposição a mentores pode participar da construção de trajetórias de carreira, embora a oferta seja heterogênea entre instituições e especialidades.<sup>5</sup> Esses achados sugerem que a internacionalização de programas de mentoria deve considerar não apenas sua existência, mas também objetivos, público-alvo, duração e integração curricular.

Na Coreia do Sul, a mentoria entre pares apresenta características particularmente relevantes para a adaptação estudantil. Estudo qualitativo com participantes de um programa voluntário identificou satisfação, benefícios percebidos e sugestões de aprimoramento, destacando o valor das relações entre estudantes em diferentes etapas da formação.<sup>6</sup> A proximidade entre mentor e mentorado pode reduzir barreiras comunicacionais e favorecer compartilhamento de experiências acadêmicas e pessoais, embora programas voluntários estejam sujeitos a seleção dos participantes mais motivados.

No Japão, a evidência selecionada concentra-se também na formação de médicos-pesquisadores. Em estudo multicêntrico realizado em seis centros acadêmicos, a maioria dos

respondentes relatou possuir mentor departamental; entretanto, necessidades relacionadas a planejamento de carreira, pesquisa translacional e elaboração de projetos ainda permaneciam parcialmente não atendidas. A mentoria voltada ao planejamento de longo prazo esteve associada à intenção de seguir carreira em pesquisa.<sup>7</sup> O achado reforça que a qualidade e o conteúdo da relação de mentoria podem ser tão importantes quanto sua disponibilidade formal.

Na China, uma metanálise com estudos observacionais encontrou prevalência agregada elevada de burnout entre estudantes de Medicina, com variação importante entre estudos e dimensões avaliadas.<sup>8</sup> Embora esse resultado não demonstre, por si só, a eficácia da mentoria como intervenção, ele evidencia uma necessidade educacional e psicossocial relevante e sustenta a pertinência de redes institucionais de apoio. A extrapolação de modelos europeus para instituições chinesas, entretanto, exige cautela, sobretudo porque as relações acadêmicas, a organização do ensino e as formas de comunicação entre níveis hierárquicos podem diferir.

A comparação entre regiões permite identificar princípios potencialmente transferíveis: definição clara de objetivos, preparação de mentores, continuidade da relação, mecanismos de acompanhamento e espaço para apoio acadêmico e psicossocial. Ao mesmo tempo, a forma de operacionalizar esses princípios deve respeitar características locais. Modelos entre pares podem favorecer acessibilidade; mentoria docente pode ampliar orientação profissional e inserção em pesquisa; formatos digitais podem aumentar flexibilidade, mas dependem de infraestrutura e engajamento.

Para instituições brasileiras interessadas em internacionalização curricular, a principal contribuição dessa análise é a compreensão de que internacionalizar não significa reproduzir um programa estrangeiro de forma literal. Uma estratégia mais consistente consiste em identificar componentes apoiados pela literatura, adaptá-los ao perfil dos estudantes e à cultura institucional, definir responsabilidades e carga horária dos mentores e estabelecer indicadores de acompanhamento. A cooperação internacional pode, nesse cenário, funcionar como espaço de intercâmbio de práticas e avaliação comparada, e não como simples transferência de modelos.

## **CONCLUSÃO**

A revisão narrativa indica que a mentoria pode contribuir para integração acadêmica, desenvolvimento profissional, orientação de carreira e suporte psicossocial na formação médica. As experiências europeias mostram diversidade de programas estruturados, entre pares e digitais; a Coreia do Sul evidencia o potencial do apoio entre estudantes; o Japão destaca necessidades de mentoria voltadas ao desenvolvimento de carreira e pesquisa; e os dados chineses sobre burnout reforçam a importância de redes institucionais de suporte, embora não permitam atribuir à mentoria um efeito específico.

Como implicação para a internacionalização curricular, recomenda-se que programas de mentoria sejam construídos a partir de princípios comuns sustentados pela literatura, mas adaptados ao contexto sociocultural e organizacional de cada instituição. Objetivos explícitos, preparação dos mentores, longitudinalidade e avaliação contínua são componentes relevantes. A realização de

estudos comparativos multicêntricos e avaliações de implementação pode fortalecer a evidência e orientar modelos de cooperação internacional mais consistentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Skjevik EP, Boudreau JD, Ringberg U, Schei E, Stenfors T, Kvernenes M, et al. Group mentorship for undergraduate medical students: a systematic review. *Perspect Med Educ*. 2020;9(5):272-280. doi:10.1007/s40037-020-00610-3.
2. Peer mentoring by medical students for medical students: a scoping review. *Med Educ Online*. 2025. PMID:39758463.
3. Meinel FG, Dimitriadis K, von der Borch P, Störmann S, Niedermaier S, Fischer MR. More mentoring needed? A cross-sectional study of mentoring programs for medical students in Germany. *BMC Med Educ*. 2011;11:68. PMID:21943281.
4. Development and implementation of digital peer mentoring in small groups for first-year medical students. *GMS J Med Educ*. 2024. PMID:38504864.
5. Hertling SF, et al. Is student mentoring career-defining in surgical disciplines? A comparative survey among medical schools and medical students for mentoring programs. *Front Med (Lausanne)*. 2022;9:1008509. doi:10.3389/fmed.2022.1008509.
6. Cho M, Lee YS. Voluntary peer-mentoring program for undergraduate medical students: exploring the experiences of mentors and mentees. *Korean J Med Educ*. 2021;33(3):175-190. doi:10.3946/kjme.2021.198.
7. Sakushima K, Mishina H, Fukuhara S, Sada K, Koizumi J, Sugioka T, et al. Mentoring the next generation of physician-scientists in Japan: a cross-sectional survey of mentees in six academic medical centers. *BMC Med Educ*. 2015;15:54. doi:10.1186/s12909-015-0333-2.
8. Li Y, Cao L, Mo C, Tan D, Mai T, Zhang Z. Prevalence of burnout in medical students in China: a meta-analysis of observational studies. *Medicine (Baltimore)*. 2021;100(26):e26329. doi:10.1097/MD.00000000000026329.